

A DOCTRINA DO LOGOS E O PRÓLOGO DE JOÃO: UMA PERSPECTIVA NO MÉTODO HISTÓRICO-GRAMMATICAL DA EXEGESE BÍBLICA

**THE DOCTRINE OF THE LOGOS AND THE PROLOGUE OF JOHN:
A PERSPECTIVE IN THE HISTORICAL GRAMMATICAL METHOD OF
BIBLICAL EXEGESIS**

**LA DOCTRINA DEL LOGOS Y EL PRÓLOGO DE JUAN: UNA
PERSPECTIVA EN EL MÉTODO HISTÓRICO GRAMMATICAL DE LA
EXÉGESIS BÍBLICA**

Luciane da Silva Neves Paes Leme¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a doutrina do *Logos* e o prólogo de João com base no método histórico-grammatical da exegese bíblica e da história, a qual abrange o contexto helênico. Desenvolveu-se um processo investigativo sobre a Doutrina do *Logos* no Evangelho de João 1, em que o texto diz: “e o Verbo [*Logos*/Palavra] era Deus”. A partir disso, esse tema passou a ser debatido no início da era cristã, entre os primeiros quatro séculos d.C. Após a declaração do Quarto Evangelho, no qual afirma que Jesus é o *Logos*, muitos líderes cristãos da época protestaram veementemente contra a união hipostática (união das duas naturezas) de Cristo. Tais controvérsias resultaram na necessidade de haver Concílios que consistiam na defesa da fé cristã. Diante disso, é imprescindível que na atualidade se faça uma reflexão acerca dessa temática a fim de promover uma compreensão mais aprofundada do assunto em questão para que aqueles que professam a fé cristã protestante não sucumbam às heresias que ressurgem em alguns ambientes eclesiais e acadêmicos. O trabalho está dividido em três partes: na primeira, destaca-se a dimensão literária que compreende desde a estrutura ao gênero literário do prólogo.

¹ Graduada em Serviço Social, 2012 (UNISUAM - Centro Universitário Augusto Motta). Graduada em Teologia, 2017 (FAECADE - Faculdade das Ass. de Deus). Pós-graduada em O Serviço Social e o Trabalho com Famílias, 2014 (UNISUAM). Pós-graduanda em Teologia e Interpretação Bíblica, 2022 (FABAPAR). Brasil. E-mail: luciane.nvs@gmail.com

Na segunda parte será abordada a dimensão histórica, com o significado do *Logos* pelo prisma da história, no período helênico, destacando a forma de pensar de alguns filósofos do período e, por último, a terceira parte irá tratar a dimensão teológica de João 1.1-5, com viés no método histórico-gramatical da exegese bíblica e alguns impactos teológicos do prólogo.

Palavras-chave: prólogo de João; interpretação bíblica; helenismo e o Evangelho de João; Doutrina do *Logos*.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the doctrine of *Logos* and the prologue of John based on the grammatical historical method of biblical exegesis and history, which covers the Hellenic context. An investigative process was developed on the Doctrine of the *Logos* in the Gospel of John 1, in which the text says: “and the Word [*Logos*/Word] was God”. From this point on, this topic began to be debated at the beginning of the Christian era, between the first four centuries d.C. For, after the declaration of the Fourth Gospel, in which Jesus is the *Logos*, many Christian leaders of the time protested vehemently against the hypostatic union (union of the two natures) of Christ. Such controversies resulted in the need to have Councils that consisted in the defense of the Christian faith. In view of this, it is essential that today a reflection is made on this theme in order to promote a deeper understanding of the subject in question so that those who profess the Protestant Christian faith do not succumb to the heresies that resurface in some ecclesiastical and academic environments. The work is divided into three parts: in the first, the literary dimension is highlighted, which comprises from the structure to the literary genre of the prologue. The second part will address the historical dimension with the meaning of *Logos* through the prism of history, in the Hellenic period, highlighting the way of thinking of some philosophers of this period and, finally, the third part will deal with the theological dimension of John 1.1-5, with a bias in the grammatical historical method of biblical exegesis and some theological impacts of the prologue.

Keywords: John's prologue; biblical interpretation; hellenism and the Gospel of John; Doctrine of *Logos*.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la doctrina del *Logos* y el prólogo de Juan a partir del método histórico gramatical de la exégesis bíblica y de la historia, que engloba el contexto helénico. Se desarrolló un proceso investigativo sobre la Doctrina del *Logos* en el Evangelio de Juan 1, en el cual el texto dice: “y el Verbo [*Logos*/Palabra] era Dios”. A partir de esto, este tema comenzó a ser debatido a principios de la era cristiana, entre los primeros cuatro siglos d.C. y Pues, después de la declaración del Cuarto Evangelio, en el que se afirma que Jesús es el *Logos*, muchos líderes cristianos de la época protestaron con vehemencia contra la unión hipostática (unión de las dos naturalezas) de Cristo. Tales controversias dieron como resultado la necesidad de Concilios consistentes en la defensa de la fe cristiana. Ante ello, es fundamental que en la actualidad se realice una reflexión sobre este tema a fin de promover una comprensión más profunda del tema en cuestión para que quienes profesan la fe cristiana protestante no sucumban a las herejías que resurgen en algunos eclesiásticos y entornos académicos. La obra se divide en tres partes: en la primera se destaca la dimensión literaria, que va desde la estructura hasta el género literario del prólogo. La segunda parte abordará la dimensión histórica con el significado del *Logos* a través del prisma de la historia, en época helénica, destacando la forma de pensar de algunos filósofos de este período y, por último, la tercera parte abordará la dimensión teológica de Juan 1.1-5, con sesgo en el método histórico gramatical de la exégesis bíblica y, algunos impactos teológicos del prólogo.

Palabras clave: prólogo de Juan; interpretación bíblica; helenismo y el Evangelio de Juan; Doctrina del *Logos*.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta como problemática central a doutrina do *Logos* no prólogo do evangelista João, à luz do método histórico-gramatical da exegese bíblica. A princípio, o interesse por esse assunto era apenas uma idealização embrionária, mas com o transcorrer do tempo surgiu uma pergunta: Qual o significado do *Logos* de João 1.1-4, na perspectiva do método histórico-gramatical da exegese bíblica? Ao longo da história, o conceito de *Logos* foi abordado de diferentes formas, tanto pela religião

quanto pela filosofia. Contudo, o estudo desses conceitos assume significados antagônicos dos quais este artigo tratará. Pretende-se, com isso, analisar algumas reflexões sobre a Doutrina do *Logos*, baseada no Evangelho de João, capítulo 1, versículos 1-4, bem como constatar através da dimensão teológica que os versículos que formam a perícopé estudada anunciam com clareza que o *Logos* personificado é Jesus e que Ele é Deus. Além disso, este trabalho visa identificar a influência literária, assim como essa dimensão envolve a tradução do texto, sua delimitação e estrutura. O estudo, ainda, destaca as circunstâncias da dimensão histórico-social do texto a fim de entender “como” e “por que” deram origem à sua composição.

Este artigo se justifica pela importância de uma pesquisa acerca do estudo da doutrina do *Logos* pelo viés histórico-gramatical da exegese bíblica e, também, pelo significado desse termo na história do pensamento grego no período helenístico. Desse modo, sendo a teologia da interpretação bíblica uma área de conhecimento referente à análise exegética, poderá, assim, contribuir significativamente para o aprofundamento de futuras pesquisas em interpretação bíblica.

A realização dos objetivos propostos foi por meio de pesquisas bibliográficas, as quais respaldam o prólogo de João. A pesquisa fundamenta-se no método histórico-gramatical da exegese bíblica, cujo objetivo é achar o significado sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples, à luz dos contextos, histórico e gramatical, em que foram escritas. A metodologia adotada no trabalho é a comparativa, considerando o significado do *Logos* descrito na perícopé de João 1 e o significado do *Logos* para o pensamento grego no período helênico. Quanto à fundamentação teórica desta pesquisa, vale destacar: D. A. Carson, Oscar Cullmann, George Eldon Ladd, Lois Eveleth, Júlio Zabateiro, entre outros.

1 DIMENSÃO LITERÁRIA

Este capítulo visa analisar a posição da Bíblia como obra literária, considerando os critérios técnicos de modo que os textos bíblicos deste trabalho possam ser interpretados de acordo os métodos da literatura.

1.1 A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM HISTÓRICO-GRAMATICAL

O domínio básico do estudo exegético é primordial para a compressão da leitura da Bíblia Sagrada. Nesse sentido, é necessário saber o que vem a ser a exegese propriamente dita. Segundo Ribeiro (2010), a palavra exegese vem do grego *exegese*, de *ek* (fora) + *agéomai* (conduzir); *conduzir fora, fazer aparecer*. A exegese é o trabalho pelo qual o exegeta faz aparecer o sentido de um texto. Exegese, portanto, para Ribeiro (2010), é um trabalho sobre textos, mas nem todo trabalho sobre texto constitui exegese. É muito comum entre teólogos, estudiosos da Bíblia, ou em pregações, a citação de duas palavras, Hermenêutica (prática da interpretação) e Exegese (ferramenta da interpretação). Elas são sempre utilizadas quando relacionadas à interpretação das Escrituras, ambas são unidas, aparentemente semelhantes, entretanto distintas uma da outra.

1.2 PALAVRAS ISOLADAS

Todo leitor é um intérprete, mas ler não significa necessariamente entender. Quando não há barreiras na interpretação de um texto, a interpretação é automática e inconsciente. Mas isso normalmente não ocorre. Por haver sido escrita em outras línguas humanas, em contextos históricos, sociais, políticos e religiosos específicos, um conhecimento adequado da língua e desses contextos também é necessário para uma boa interpretação das Escrituras.

De acordo com Berkhorf (2004), no estudo, o intérprete deve proceder de duas maneiras: ele pode começar com a sentença, com a expressão do pensamento do escritor como uma unidade e, então, descer aos particulares, à interpretação das palavras isoladas e dos conceitos; ou ele pode começar do último e, gradualmente, subir para uma consideração da sentença, com a expressão do pensamento como um todo.

O verdadeiro significado das palavras parece ter-se perdido, estando, no entanto, subjacente nas palavras, sendo necessário resgatá-lo através do conhecimento etimológico. A etimologia é uma parte da gramática que estuda a origem das palavras e sua evolução, cujos objetivos são: recuperar o sentido elementar da palavra em questão e descobrir como esta evoluiu.

1.3 O USO ATUAL DAS PALAVRAS

Pode acontecer de uma palavra que sofreu uma evolução assumir um sentido totalmente diferente do original. A derivação a partir de um radical de uma palavra quase nunca serve para se chegar ao seu sentido, pois os significados mudam. Às vezes os elementos de uma palavra composta ajudam a revelar seu significado. Pode-se ver isso no caso da palavra hipopótamo, que deriva de duas palavras gregas: *hippos* (cavalo) e *potamos* (rio). Logo, esse animal é uma espécie de cavalo do rio. A palavra grega *ekklêsia*, que é normalmente traduzida como igreja, vem de *ekk* (para fora) e *kalein* (chamar ou convocar). Por isso, no Novo Testamento passou a significar aqueles que eram chamados a sair do grupo dos ímpios para integrar com um conjunto de crentes. Segundo Berkhorf (2004), o significado atual de uma palavra tem muito mais importância para o intérprete do que seu significado etimológico. Ele ainda acrescenta que, para interpretar corretamente a Bíblia, o intérprete deve ter conhecimentos dos significados que as palavras adquiriram ao longo do tempo e do sentido em que os autores bíblicos as usaram.

1.4 O USO DE PALAVRAS SINÔNIMAS

Sinônimos são palavras de sentido igual ou aproximado. Exemplos: brado, grito, clamor; extinguir, apagar, abolir, suprimir; justo, certo, exato, reto, íntegro, imparcial. (CEGALA, 1990, p. 275). Ao se ler a Bíblia, é preciso que se descubra o que Deus disse pelo ser humano, seu intérprete. Mas, para isso, é preciso levar em conta também a importância de observar cuidadosamente o significado exato das palavras sinônimas:

As línguas em que a Bíblia foi escrita são também ricas em expressões sinônimas e antônimas. É de se lamentar em que essas não tenham sido retidas, a uma grande extensão, nas traduções. Em alguns casos, isso foi completamente possível, mas em outros, poderia ter sido feito. Mas, embora, algumas das mais refinadas distinções tenham sido perdidas nas traduções, o intérprete nunca pode perdê-las de vista. Ele deve atentar para todas as ideias relacionadas da Bíblia e perceber rapidamente o que elas têm em comum e em que diferem. Essa é a condição *sine qua non* de um conhecimento distintivo da revelação bíblica. (BERKHORF, 2004, p. 56)

Deste modo, é necessário que se procure compreender, tão profunda e concretamente quanto possível, a linguagem com todas as suas

modalidades, do ser humano que fala em nome de Deus, considerando todas as suas circunstâncias no tempo e no espaço, daí a razão de o leitor da Bíblia considerar o processo interpretativo como parte fundamental de seu estudo bíblico.

1.5 A BÍBLIA COMO OBRA LITERÁRIA

A Bíblia é interpretada como obra literária, o que implica lê-la a partir das teorias literárias apropriadas, levando em conta tramas, personagens, estética, densidade, narrativa, etc. Em primeiro lugar, é importante identificar a relação entre a narrativa literária e modos teológicos, quer dizer, o literário da Bíblia não pode ser compreendido em profundidade sem que se leve em consideração que a narrativa é constituída por concepções religiosas e teológicas. Não é possível nem desejável estabelecer uma diferença abissal entre o que é teológico e o que é literário na Bíblia, pois os âmbitos se confundem, interagem de forma densa e complexa.

Em segundo lugar, é importante considerar o texto dentro de uma complexa totalidade artística permeada de sutilezas e economia de detalhes. Os textos bíblicos são sucintos, quando comparados a outros considerados fundamentos da literatura ocidental. A riqueza da Bíblia como obra literária reside, portanto, mais na complexidade e intensidade de tramas e personagens do que na narração prolixa e detalhista. Grandes histórias bíblicas, como Esaú e Jacó, José e seus irmãos, Caim e Abel, são narradas de forma curta e, ao mesmo tempo, primam pela complexidade e intensidade.

Em terceiro lugar, ao contrário da leitura estritamente teológica, que é retrospectiva e busca a reconstrução dos dados a partir de um sistema de ideias normativas, a linguagem bíblica é também literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estes podem crescer, serem alterados no decorrer das narrativas. Em vez da imutabilidade de um Deus, o que temos é um personagem constante, mas mutável. O Deus único, por exemplo, é de certa forma a convergência de várias divindades, personagens ocultas muitas vezes na superfície dos textos, mas constitutivas do personagem Deus.

1.6 CONTEXTO LITERÁRIO DO PRÓLOGO DE JOÃO (1.1-18)

Para alguns comentaristas, o significado do prólogo é como a abertura

de uma peça musical: assim como na abertura se antecipam os temas que serão recolhidos posteriormente no desenrolar da obra, o prólogo resume e antecipa os grandes temas que aparecerão ao longo do evangelho. Isso se torna evidente fazendo uma análise crítico literária (JENSEN, 2004). O prólogo joanino é uma das passagens neotestamentária mais discutidas. Para muitos, trata-se de uma composição anterior ao próprio Evangelho.

Naquilo que era primitivamente um hino aparentemente de procedência gnóstica e que celebrava a figura de um revelador, introduziu-se a figura do Batista e se cristalizou este *Logos* com Jesus de Nazaré (CALLE, 1935, p. 39).

Fundamentalmente, o prólogo é uma introdução ao evangelho de João, porém uma introdução que já aparece como síntese de tudo aquilo que irá se discutir durante todo o escrito joanino. Destaca-se a figura de Jesus como o revelado do Pai, na história, num mundo dos homens. O *Logos* é o personagem principal e seu real sentido encontra-se discutido entre as demais hipóteses: uma criação de João; é um conceito em referência à sabedoria veterotestamentária.

Designa-se, habitualmente, por prólogo o conjunto formado por João 1.1-18. É um poema diferente do prefácio literário de Lucas 1.1-4, e é também distinto do proêmio de I João 1.1-4, embora tendo com este algumas semelhanças linguísticas e teológicas partilhadas (SCHNACKENBURG, 1977). Os primeiros 18 versículos do Quarto Evangelho são um monumental poema à Luz, à Vida, à Verdade, à Graça e ao Espírito; numa única palavra, ao *Logos*: “o *Logos* fez-Se carne e habitou entre nós” (v. 14). Assim, preliminarmente, é necessário destacar o prólogo para a compreensão de todo o evangelho.

Rissi (1977) parte do pressuposto de que o prólogo possui uma linguagem poética, é construído a partir de um “paralelismo semítico” e contém dois poemas independentes. Prosseguindo, apresenta três problemas que encontram no prólogo: 1) Por que João Batista aparece duas vezes no Prólogo (v. 6.9 e 15)? 2) Por que o tema da entrada do *Logos* no mundo também aparece duas vezes (v. 11 e 14)? Por que a forma dos v. 1-13 é diferente dos v. 14-18? (RISSI, 1977, p. 394).

O gênero literário se assemelha aos hinos ou salmos litúrgicos que celebram a soberania de Deus como Criador ou como Senhor da história, que eram compostos para cerimônias litúrgicas e apresentavam um caráter

comunitário que se manifestava pelo uso de diálogo, refrão, aclamação, ação de graças e ainda pela participação coletiva que constituía uma espécie de apelo e de resposta (MONLOUBOU, 1996, p. 56).

Ainda sobre a estrutura literária do Prólogo, Cholin classifica os exegetas em dois campos: os partidários de uma estrutura quiástica (figura literária em que as palavras da primeira frase são repetidas, na segunda, mas com ordem inversa) e os seguidores da estrutura de paralelismo. Para os adeptos de uma estrutura quiástica, não se pode partir de uma forma de “espiral”. O autor em questão proporá uma estrutura que ele chama de “duas dimensões” (CHOLIN, 1989, p. 194).

A proposta quiástica coloca em evidência a proximidade entre os versículos 6-9 e 15, que descrevem a figura de João Batista. Além disso, alguns autores relacionam o v. 1 com o v. 18, os quais formariam um tipo de inclusão. Disso partiria a proposta de uma estrutura de quiasmo, da qual os v. 6-8 e 15 fazem parte naturalmente (CHOLIN, 1989, p. 194-195). Os estudiosos que propõem uma leitura linear da narrativa evidenciam que os v. 6-8 e 15 possuem a função de uma visão cronológica ou progressiva da narrativa, na qual a encarnação do Verbo é o eixo central. Além disso, as numerosas propostas dependem dos temas ou rupturas que cada autor privilegia nas suas respectivas análises.

1.7 CONTEXTO IMEDIATO E ORGANIZAÇÃO INTERNA DO PRÓLOGO

O Evangelho de João começa com duas partes bem diferenciadas. A primeira é o prólogo poético (1.1-18) e a segunda é o prólogo narrativo (1.19-51). No prólogo poético constam três principais regras: a primeira é dar nota do Ser Primordial e Divino do *Logos* e seu papel na criação; a segunda descreve seu significado para os homens (Vida e Luz) e lamenta o seu não acolhimento; e, para terminar, na terceira proclama a dádiva do acontecimento salvífico – para os crentes – da Encarnação. O prólogo não é um programa teológico que apresenta as considerações sobre o *Logos* e Deus, sobre o *Logos* e o Cosmos, sobre o *Logos* e os crentes (KONINGS, 2005). Neste poema é clarificado o acontecimento da Encarnação que determina um antes e um depois, um e outro apresentando a atividade do *Logos*. O acontecimento do *Logos* com os homens vai qualificar os dois momentos, o antes e o depois. Nesse sentido, para a compreensão do prólogo importa

seguir a vitalidade, a relação, a comunicação do *Logos* de Deus: ao tudo uno (v. 3) – aos homens (v. 4) – à treva (5) – ao mundo (v. 6-10) – aos Seus (v. 11) – aos filhos de Deus (v. 12-13) – à carne (v. 14) – a nós (v. 14). O *Logos* é o único que conhece o Pai, que estava no seu seio e que no-Lo deu a conhecer (v. 18) (D'ALMEIDA, 2009).

1.8 CORRELAÇÃO DO *LOGOS* ENTRE AS CARTAS DE JOÃO (NT), O HELENISMO E O JUDAISMO

Quando se analisa o *Logos* com um olhar literário, observando sua posição e significado do termo no NT, mais precisamente no Evangelho de João 1.1-18 e nas cartas desse apóstolo, a saber, em I João 1.1-3, percebe-se uma forte relação entre essas duas passagens considerando esta carta também como um prólogo. Busca-se, assim, uma interação entre o prólogo da primeira carta e o prólogo do evangelho. Sobre isso, Smalley (1954) afirma que a parte mais complicada dessa perícopa diz respeito à expressão “Palavra da Vida”, em I Jo 1.1, e dela depende a compreensão de toda a passagem. A intrínseca relação de I Jo 1.1-4 e o evangelho de João é comentada por ele da seguinte forma:

O prefácio a I João contém reflexões óbvias da introdução ao Quarto Evangelho; e isto surge a probabilidade de que o evangelho, em sua forma final, incluindo o prólogo foi escrito antes de primeira João. Note-se no v.1, o uso de (“desde o princípio” cf. João 1.1, “No princípio”; [...] Note-se também o pensamento da “vida revelada” (I Jo 1.2 = Jo 1.4,9), e da Encarnação como uma realidade histórica que demanda resposta (I Jo 1.1-3 = Jo 1.9-14). Se os versos de abertura de I João pretendeu ecoar introdução ao Evangelho de João, então, pode-se dizer que a “Palavra (*Logos*) da vida” é pessoal, e finalmente descreve o próprio Jesus (SMALLEY, 1984, p. 5).

Surge uma questão inevitável: se a primeira carta é uma espécie de continuação do evangelho, então os propósitos se equivalem. De maneira mais estrita, possivelmente esta não é uma assertiva verdadeira, porém, de modo geral, sim. João escreve o seu evangelho a fim de mostrar que o *Logos* encarnado é Deus plenamente e escreve a primeira carta para desenvolver no crente a segurança de vida eterna por meio do *Logos* encarnado (BALZ; SCHNEIDER, 1990, p. 359).

Existe uma correspondência entre o prólogo do evangelho de João 1 e a I João 1, entretanto, existem paralelos e diferenças entre o *Logos* de Filo (filósofo judeu-alexandrino) e o *Logos* de João. Na concepção de Filo,

já podemos encontrar a ideia de um ser intermediário personificado, no entanto, não há sugestão de que o *Logos* pudesse encarnar; até porque, isso era estranho ao pensamento grego por causa da crença de que a matéria é ruim e o espírito é bom (GUTHRIE, 2011, p. 325). Já para a concepção filosófica do *Logos* no helenismo, este ocupa um lugar essencial na história longa e complicada desse termo, pois influenciou, pelo menos na forma, as ideias judaicas e pagãs tardias de um *Logos* mais ou menos personificado [embora não seja a única influência] (CULMANN, 2008, p. 330).

O *Logos* no Novo Testamento, essencialmente nos dois próLogos do evangelho de João 1, e em I Jo 1, sustenta que a correlação entre estes fortalece uma correspondência e que tal correspondência aponta para um *Logos* que estava na criação com o Pai, e que Ele é Deus. Pode-se perceber que a noção de *Logos* estava fortemente disseminada no pensamento entre os pagãos, como entre os judeus e cristãos. O Evangelho de João submeteu categoricamente a concepção não cristã ou pré-cristã de *Logos* à suprema e única revelação de Deus em Jesus de Nazaré, dando-lhe, assim, forma inteiramente nova (CULLMANN, 2008, p. 333).

2 DIMENSÃO HISTÓRICA

A intenção deste capítulo é apresentar o significado do *Logos* no período helênico, destacando o pensamento de alguns filósofos para, portanto, contrastar esse significado com o *Logos* no prólogo de João.

2.1 O *LOGOS* NO PERÍODO HELENÍSTICO

Ao tratar da compreensão do *Logos* no decorrer da história, é preciso analisá-lo sob o viés da filosofia, haja vista sua influência na era cristã. O período helenístico é caracterizado como o último período da Filosofia Grega (séc. III a.C.-IV d.C.). O helenismo significa influência da cultura grega em todo o mediterrâneo oriental e no Oriente desde as conquistas de Alexandre da Macedônia e posteriormente a consolidação do Império Romano. O termo “helenístico” vem do verbo *hellezinô*, que significa “eu ajo como grego”, “adoto costumes gregos”, “falo como grego” e, embora já tivesse sido usado esporadicamente no mundo antigo, Droysen (1943) foi o primeiro usá-lo para determinar um período histórico específico. Assim, destacava-se a época helenística como uma nova era, um período

distinto da história grega, sinalizando a expansão da cultura grega e o estabelecimento unificado da mesma, que fundiria igualmente elementos gregos e orientais em uma mistura única.

2.2 HERÁCLITO DE ÉFESO

Heráclito nasceu em Éfeso. As datas de nascimento, vida e morte dele são desconhecidas. Isso se deve à escassez de informação desse período. É tido convencionalmente que ele era um filósofo do período pré-socrático. A partir dos escritos de Heráclito, filósofo da Grécia antiga, o conceito de *Logos* mereceu especial atenção na filosofia clássica. Apesar de Heráclito fazer uso do termo com uma acepção não muito diferente da que era utilizado no grego comum da época, o filósofo também lhe atribuiu um sentido mais técnico: para ele, o *Logos* é um princípio subjacente e organizador do universo, estando relacionado à proporção (GUTHRIE, 1962, p. 419).

2.3 O ESTOICISMO

O estoicismo foi uma das maiores escolas do pensamento filosófico no período helenista, sendo para muitos a mais famosa desse período, portanto, é importante destacar que:

A escola estoica teve grande aceitação no mundo romano (posterior ao mundo helênico), tendo como principais representantes pensadores da qualidade de: Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) e Marco Aurélio (121-180), imperador de Roma após 161. Em sua versão latina, o estoicismo se manifestou principalmente na ideia de indiferença a tudo o que acontece na vida do homem, sem que este perca a paz interior construída com a racionalidade filosófica (PRÁXIS, p. 4).

O princípio ético que fundamenta a escola estoica envolve a acomodação à natureza. Tendo percebido que a vida sempre frustra os desejos humanos, os estoicos buscavam viver mais conformados à natureza, no sentido de aceitar a vontade da ordem cósmica e o próprio destino nela escrito. De acordo com essa escola, tudo na natureza é governado pela razão (*Logos*), e essa razão pode ser chamada de alma do mundo ou mesmo Deus. Tudo existe e acontece segundo uma predeterminação rigorosa, pois tem um objetivo e uma razão de ser, tendo em vista que ela faz parte de uma inteligência justa e divina.

2.4 O PLATONISMO

Platão (427-347 a.C.) é considerado por boa parte dos estudiosos o primeiro grande filósofo ocidental, juntamente com seu mestre Sócrates. O platonismo também sustentava uma ideia referente ao *Logos*, de acordo com essa corrente filosófica, esse termo quer significar “racional”, “inteligível” de *por que* a crença é verdadeira; ou seja, ele está centrado na justificação – na razão; na explicação etc. – da afirmação que se predica conhecer (CULLMANN, 2008, p. 330). De acordo com essa doutrina, Deus era concebível como absolutamente transcendente e impassível. Esse Deus mantinha uma correlação com o mundo sensível, através do *Logos*, a razão universal (GRANCONATO, 2010, p. 51). Segundo Cullmann (2008, p. 330), essa ideia se aproxima mais de um ser real: *Demiurgo*; real no sentido do idealismo platônico. Entretanto, ainda não estamos diante de uma hipóstase e a ideia de uma encarnação do *Logos* é absolutamente inconcebível.

2.5 FÍLON DE ALEXANDRIA

Estima-se que Fílon viveu entre 20 a.C. e 50 d.C. Era judeu, de família que tinha posses. Viveu durante o período chamado helenismo, em que a cultura grega predominava. Isso trouxe influência na forma de pensar e de fazer filosofia. Fílon tem um grande papel na história filosófica judaica por buscar uma fusão entre a filosofia e a “filosofia mosaica”. As ideias de Fílon continham conceitos até então desconhecidos para a filosofia helênica. Ele utilizou-se do pensamento estoico a respeito do *Logos*, embora não de forma completa.

Reale e Antisseri (2003, p. 32) afirmam que para Fílon o *Logos* tinha o conceito de inteligível e este advém das concepções platônicas acerca do mundo. Portanto, embora Fílon acreditasse na concepção judaica de criação a partir do nada, aplicou uma nova forma de pensar ao adicionar que essa criação só foi possível por causa do cosmos inteligível, onde está estabelecido o mundo das ideias, em que tudo é perfeito, diferente do mundo físico. O *Logos*, então, é esse mundo ideal das ideias.

2.6 O LOGOS NA VISÃO JUDAICO-HELENÍSTICA

Como já foi discorrido anteriormente em Filo, o *Logos* assume um caráter hipostático (GUTHRIE, 1981, p. 322-323), ora se limitando a uma

faculdade ou atividade, ora expressando uma pessoalidade enfática, por cuja causa acaba denominado de filho, primogênito de Deus, mediador, entendimento divino, planejador, pastor do rebanho, sumo sacerdote, advogado, arcanjo, vice-rei, seio materno, penhor, pilar, princípio, arquétipo (LEWIS, 1947, p. 435). Como se percebe, o *Logos* em Filo varia da impessoalidade para a pessoalidade, do tributo para a subsistência. Além disso, pode-se acrescentar o tratamento que o *Logos* recebeu das religiões helenísticas, que o viam como um meio de salvação (BROWN, 1965, p. 430).

2.7 O LOGOS NO ANTIGO TESTAMENTO

Nos LXX, *Logos* quase sempre se traduz *Dabar* (ou o equivalente arameu *millah*), um termo cujo conteúdo semântico coincide em parte com o de *Logos*, mas não é totalmente idêntico. Deriva da raiz *dbr*, que significa falar, *dabar* é essencialmente a palavra falada como (meio de) comunicação. No A.T., *debar yhwh* usa-se frequentemente para designar a comunicação de Deus por meio dos profetas, através das quais vinha a palavra do Senhor. A totalidade da revelação de Deus denomina-se *Toráh*, termo que muitas vezes é paralelo ou virtualmente sinônimo de *debar yhwh*.

Toda a ideia da revelação do A.T. está determinada pela analogia da palavra falada e escutada, enquanto distinta da ideia de revelação como visão. Deus dirige-Se aos homens por meio de palavras, e foram essas mesmas palavras que ordenaram o mundo e criaram todas as coisas. Entre o povo hebreu há duas formas diferentes de visão do *Logos*: a visão bíblica que remonta Gênesis 1, segundo a qual o verbo de Deus, “*debar Yahweh*”, é entendido em seu sentido primitivo e torna-se, às vezes, hipóstase divina (uma manifestação com características pessoais); a outra é a tardia, segundo a qual o Verbo é uma hipóstase (ser pessoal) e até um mediador personificado, esta pode ter sido influenciada por ideias pagãs. O elemento comum entre as duas é a ideia da revelação (CULLMANN, 2008, p. 333,334).

O Evangelho de João começa com a expressão “no princípio”, a mesma encontrada no início do relato da criação, no primeiro verso do livro de Gênesis. Beasley-Murray (2022) defende que essa expressão não se refere aqui “ao ato da criação”, mas àquilo que já existia quando a criação veio a ser, ou seja, a Palavra. De fato, o termo *Logos* é enfatizado por João nos dois primeiros versos de seu prólogo, de tal maneira que surpreende o

leitor. Enquanto o livro de Gênesis traz a informação “no princípio... Deus”, João diz “no princípio... o Verbo”.

3 DIMENSÃO TEOLÓGICA

A intenção teológica deste capítulo é considerar as regras de interpretação bíblica a fim de analisar exegeticamente os versículos delimitados do prólogo de João.

3.1 UMA ANÁLISE EXEGÉTICA DE JOÃO 1.1-5, COM BASE NO MÉTODO HISTÓRICO-GRAMATICAL

A comunidade judaica do século I estava inserida no seio do Império Romano. Suas experiências políticas, culturais e religiosas devem ser levadas em consideração ao tentarmos estabelecer um cenário histórico para a interpretação do Quarto Evangelho. Principalmente, porque há uma comunidade concreta e historicamente localizada que teria dado origem a esse evangelho e às epístolas joaninas (VASCONCELOS, 1996).

A comunidade teria surgido a partir de um grupo de discípulo de Jesus, provenientes da Judeia e da Galileia. Essa gente se aglutinou em torno de uma figura carismática que mais tarde seria conhecida como o “discípulo amado” e que reconhecia Jesus de Nazaré como o Messias davídico (CULLMANN, 2008). Essa compreensão de Jesus como o Messias preexistente descido do céu e portador da palavra de Deus causa um choque teológico com os fariseus e, na medida em que estes passam a ocupar a liderança nas sinagogas, resulta da expulsão dos cristãos da comunidade joanina (BROWN, 2003).

Percebe-se que a comunidade joanina do primeiro século recebia várias influências culturais e religiosas, das quais podemos citar: o gnosticismo, o hermetismo e as religiões helenísticas. No entanto, a pesquisa para encontrar o *Sitz im Leben* (“modo de vida”) religioso que possa explicar a linguagem e a teologia do Quarto Evangelho continua. Não se pode negar que algo da terminologia característica de João é bem semelhante à linguagem da Hermética – uma coleção de escritos religiosos produzidos no Egito, provavelmente, no segundo e terceiro século. Esses escritos têm muito a dizer sobre a luz e a vida, sobre a palavra e sobre a salvação por meio do conhecimento, bem como sobre a

regeneração ou novo nascimento (LADD, 2003, p. 327-328). Embora possam ser, de fato, observadas semelhanças entre a terminologia de João e a da literatura hermética concernente ao conhecimento de Deus, o conteúdo de ambos é completamente diferente e consiste essencialmente em um relacionamento pessoal e não apenas na contemplação do objeto (LADD, 2003, p. 382-385).

Vale citar algumas considerações relativas às crenças gnósticas, termo derivado do grego *gnosis* (conhecimento). A crença fundamental era de que o mundo é mau e está totalmente separado do mundo do espírito e em oposição a ele. Nesse mundo espiritual, o Deus supremo habita em esplendor inacessível sem se relacionar com o mundo material. A iluminação, ou conhecimento, no mundo gnóstico é obra de um redentor divino, que desce disfarçado no reino espiritual (WILLIAMS, 2000, p. 146). O pensamento gnóstico é estranho ao pensamento cristão tradicional, pois sua estrutura mitológica da redenção deprecia os eventos históricos de Jesus e nega a importância da pessoa de Jesus e de sua obra para libertar os homens do pecado em vez de meramente os guiar à autorealização (WILLIAMS, 2000, p. 146).

Pode-se dizer que a diferença conceitual do Evangelho de João é bem grande. Apesar da forte ênfase em Jesus como aquele que revela seu Pai, a salvação não vem (como no gnosticismo) meramente por intermédio da revelação. A obra de João é um Evangelho: todo o andamento é em direção da cruz e da ressurreição. A cruz não é um simples momento revelador, é a morte de seu pastor por suas ovelhas. (Cf. Jo 10), o sacrifício de uma pessoa por sua nação (Cf. Jo 11), e a vida que é dada em favor do mundo (Cf. Jo 6), a vitória do cordeiro de Deus (CF. Jo 1) (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 190-200).

Nesse contexto teria se dado a redação do Quarto Evangelho, cujo objetivo seria explicar aos cristãos joaninos e não joaninos questões relativas a Jesus. Por isso, João escolheu formular seu Evangelho, como um todo, na linguagem que provavelmente tenha sido utilizada por nosso Senhor Jesus somente em diálogos íntimos com seus discípulos, ou em argumentações teológicas com os escribas mais doutos, com a finalidade de mostrar o pleno significado do Verbo Eterno que se fez carne (CF. Jo 1.14) no evento histórico de Jesus Cristo (LADD, 2003, p. 332).

O prólogo resume a forma como a Palavra, que estava com Deus no Princípio, entrou na esfera do tempo, da história, da tangibilidade – em outras palavras, como o Filho de Deus foi enviado ao mundo para tornar-se o Jesus da história, de forma que a graça de Deus pudesse ser manifesta de modo singular e perfeito. O restante do livro não é mais que uma ampliação desse tema. A firmeza das conexões entre o Prólogo e o Evangelho torna improvável a teoria de que o Prólogo foi composto por outra pessoa, se não o Evangelista (CARSON, 2007, p. 111).

O prólogo do Quarto Evangelho traz em seu início uma declaração que culminou em diversos debates no início da era cristã: Jesus Cristo como o *Logos* encarnado. Aqui é feita uma análise dos cinco primeiros versículos do Quarto Evangelho, utilizando o método exegético histórico-gramatical com o intuito de compreender e respeitar a intenção do autor que só pode ser entendida através do estudo do contexto histórico e o espectro gramatical.

De acordo com o texto, no v. 1, no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. O contexto em Gênesis 1, e aqui, mostra que o princípio é absoluto: o princípio de todas as coisas, o princípio do universo. A palavra grega por trás de princípio (*arché*), com frequência transmite o significado de origem, bem como haver ecos daquilo aqui, porque se mostra logo que a Palavra que já estava no princípio é agente de Deus na criação, o que nós podemos chamar de originador de todas as coisas. Por isso, as palavras soam como um eco de Gênesis 1.1, pois, para explicar o *Logos*, o evangelista retrocedeu todo o caminho até “o princípio”.

O verso 2, em certo sentido, é uma repetição das duas primeiras orações do versículo 1 e ressalta que essa Palavra, que é Deus, é exatamente aquela que também era no princípio, e que ela estava com Deus (CARSON, 2007, p. 18). Assim, os versículos 1 e 2 apresentam a relação do *Logos* com Deus antes da criação do Universo. O *Logos* é eterno em Deus, com Deus e para Deus, e eterno na sua Revelação para o mundo. A sua eternidade engloba todos os agora das criaturas. Revela tudo o que o Pai Lhe mandar, e não espera pelo amanhã. O que é eterno não tem de esperar pelo dia de amanhã, ou o final dos tempos. No presente absoluto de Deus, Ele se comunica através do seu *Logos*, este é o sujeito perfeito, ou seja, é a relação Tu a Tu em Deus. Não é objeto nem complemento de nada. O *Logos* é o sujeito de revelação de vida em Deus. O *Logos* é Um em Deus, é Vida comunicada, é Luz criadora. Nos versículos 3 e 4 do Prólogo do Evangelho de João, o relacionamento entre

Deus e a Palavra no Prólogo é semelhante ao relacionamento entre o Pai e o Filho no restante do evangelho.

A Palavra que é o Filho compartilha da vida de Deus, mas tem existência própria (CARSON, 2007, p. 19). O versículo 3 fala do *Logos* Criador, ou seja, do *Logos* voltado para fora de Deus, fazendo mediação entre Deus e a criação. As coisas receberam a existência segundo a vontade do *Logos* Divino. Os v. 1-3 estão ligados e fazem uma sequência que se assemelha à sequência de Provérbios 8.30-31 – a Sabedoria está ao lado de Deus, constituindo suas delícias a cada dia, estando no tempo e por último na terra entre os filhos dos homens. O evangelista não descreve a criação, pois a sua intenção é apresentar o poder criador e absoluto do *Logos* sobre todos os seres. Já no versículo 4, a vida existente no Verbo é fonte de Luz para os homens. Portanto, *Logos* é Luz que ilumina a vida dos homens e dá a salvação com sua palavra. A treva é ausência, ausência do ser e ausência de luz. Em contrapartida, Deus é fonte da Vida, a luz que invade as trevas. O homem foi criado para a vida, por isso, o *Logos* quer dar-lhe a vida em abundância, aquela vida que JHWH, Deus da Aliança, propunha a Israel (Dt. 30.15-16). O homem na terra é chamado a viver em comunhão com Deus. Por isso, ter a vida é permanecer nessa relação existencial com o próprio Criador.

O versículo 5 é uma obra-prima da ambiguidade planejada. Luz e trevas não são simplesmente opostas. Trevas nada mais são que ausência de luz. Na primeira criação, “trevas cobriam a face do abismo” (Gn 1.2) até que Deus disse: “Haja luz” (Gn 1.3). Em nenhuma outra ocasião, a não ser na criação, poderia ser mais apropriadamente dito: *A luz brilha nas trevas*. Precisamente porque João está falando de criação, e não está descrevendo um universo dualístico, no qual luz e trevas, bem e mal, são opostos emparelhados, ele pode descrever a vitória da luz: *e as trevas não a derrotaram* (como o verbo *katelaben* pode ser traduzido) (CARSON, 2007, p. 19). Mas a luz (*phos*), metaforicamente, refere-se à verdade e ao conhecimento de Deus, junto com a pureza espiritual associada a eles; assim também como trevas (*skotia*), metaforicamente, refere-se à ignorância quanto às coisas divinas, quanto a suas abominações e a resultante miséria no inferno (XAVIER, 2010).

3.2 O IMPACTO TEOLÓGICO DO PRÓLOGO DE JOÃO NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

De fato, o plano que estrutura o evangelho de João é teológico. Não

é uma biografia de Jesus (20.30) tampouco um resumo de sua vida, mas interpretações de sua pessoa e obra, feita por uma comunidade no seio de sua experiência de fé (MATEOS; BARRETO, 1989, p. 6). As diferenças são tão radicais naquilo que os sinóticos destacam e João omite (parábolas, narrativas, relato da transfiguração, instituição da ceia, etc.) e naquilo que João destaca e os sinóticos omitem (todo o material de Jo 1-5, as visitas de Jesus em Jerusalém, a ressurreição de Lázaro, os longos discursos, a explícita identificação de Jesus como Deus, série de declarações “eu sou”, etc.), que não parece ser possível explicá-la apenas com a diferença de ênfases geográficas. Além disso, há um vislumbre espacial, comparando a origem de Jesus nas quatro narrativas evangélicas: Marcos inicia com a atuação de João Batista; Mateus e Lucas recuam no tempo e começam com um evangelho da infância; João recua ainda mais e vai até o Princípio, quando o verbo já estava lá. Quem Jesus é e de onde ele vem não mais é anunciado em termos biográficos, mas teológicos. (BEUTLER, 2015, p. 15).

Nos sinóticos, a messianidade de Jesus é apresentada de maneira indutiva, enquanto no Quarto Evangelho é apresentada ousadamente no primeiro capítulo e passa a ser explicada e comprovada nos seguintes. A cronologia do Quarto exige pelo menos dois anos e meio de ministério público de Jesus (indicando três), enquanto os sinóticos requerem pouco mais de um. Há diferença também entre os sinóticos e o Quarto na correlação da última Páscoa com a crucificação (DORNELLES, 2013).

A partir das comparações entre o evangelho de João e os sinóticos, o impacto teológico do prólogo de João 1 é grande no que se refere à compreensão mais aprofundada da identidade divina de Cristo. Pode-se dizer que a identidade cristológica mais desenvolvida e refletida encontra-se no prólogo de João, uma vez que Jesus é apresentado fundamentalmente como o Verbo de Deus (1.1-18). Obviamente todos os evangelhos são escritos teológicos, porém não se pode negar que João se apresenta muito mais como uma obra teológica do que os sinóticos, principalmente em sua perícopes no capítulo um. A ênfase cristológica no prólogo do evangelista, por sua complexidade e intencionalidade teológica, transmite aos sinóticos uma reposição de Cristo na literatura do NT, que vai além, pois sua referência ao pano de fundo do AT (Gn. 1) traz uma visão tipificada de Jesus como o Senhor da Criação. O leitor do evangelho de João 1 deve, então, atentar-se aos fatos que encontra no texto

não julgando sua historicidade, mas fixando-se à finalidade do texto, que propõe ser uma reflexão teológica sobre o pleno poder de Cristo.

3.3 O IMPACTO DO PRÓLOGO DE JOÃO NA ATUALIDADE

É sabido que heresias cristológicas e erros históricos acerca da divindade de Cristo não são algo recente, mas houve uma efervescência a partir dos quatro primeiros séculos depois de Cristo, no início da era cristã. Em busca de uma doutrina correta (ortoxia), muitos segmentos dentro e fora do cristianismo divergiram em variadas opiniões acerca de Cristo: alguns desses segmentos destacavam mais a humanidade de Cristo em detrimento de sua divindade. Já outros enalteciam mais a divindade que a humanidade de Cristo. Todavia, no período da Reforma Protestante (1500-1800), todos seguiram a cristologia ortodoxa. Por exemplo, Lutero destacou a humanidade de Jesus e defendeu um inter-relacionamento das duas naturezas de Cristo, em que o homem foi divinizado e o divino humanizado. Calvino, por outro lado, ressaltou a divindade de Jesus, destacando a obra divina do *Logos*.

A doutrina da encarnação do Verbo divino está claramente exposta na abertura do Quarto Evangelho. Partindo do pressuposto teológico, de modo particularmente e insistente, o prólogo de João impacta diretamente a vida de leitores e leitoras na atualidade, pois, com base em verdades cristológicas, o referido texto evidencia a divindade absoluta de Cristo, apresentando-O como o “*Logos*” de Deus e que Ele era Deus. Sendo assim, o “*Logos*” de Deus, que desde o início era Deus, que estava presente com Deus, criou o homem e o mundo, salvando esse homem pela sua graça e pela sua verdade encarnada na Pessoa de Jesus Cristo, Filho Unigênito do Pai (presença de Deus aos homens). Portanto, diante dessa verdade teológica expressada pelo evangelista, a ideia do *Logos* no Quarto Evangelho, e, por conseguinte, no prólogo em estudo, a do *Logos* encarnado, tem poder de intervir na história dos homens, normalmente nos momentos mais cruciais na vida de todo aquele que passa a crer em Cristo, testemunhando assim o seu poder criativo e salvífico em favor dos seus, desta forma, testemunha a todos os homens uma mensagem de esperança e salvação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado, com ênfase no Prólogo de João, é sobre o

Verbo (Palavra), como revelação definitiva do Próprio Deus, ou seja, a autoexpressão de Deus (CARSON, 2007, p. 36). É notória a relevância desse prólogo para os seguidores de Jesus no período em que o Apóstolo João o declarou, uma vez que a comunidade joanina do primeiro século sofreu muitas influências culturais e religiosas, como foi descrito: o gnosticismo, o hermetismo e as religiões helenísticas. Jesus é a Palavra de Deus que se fez carne e habitou entre os homens, a fim de declarar-lhes sua boa vontade apregoando a Verdade. Uma vez acolhida pela fé, essa verdade possibilita ao homem se tornar e ser reconhecido como filho de Deus.

No Prólogo do Evangelho de João, a Palavra, não precisa de mais explicação, porque a mensagem do Evangelho faz com que toda a sabedoria e o pensamento se reencontre em Jesus. Entretanto, não se pode subestimar o poder de persuasão de vertentes que endossam suas teorias hereges em interpretações equivocadas a respeito da divindade absoluta de Jesus no prólogo de João. A propagação dessas ideias no decorrer da história foi crescendo em larga escala, principalmente por alguns teólogos que ocupam as academias de Teologia. Um dos principais cenários para a disseminação de teorias hereges, como a negação da divindade de Cristo e o descrédito da Bíblia, foi o período do Iluminismo, movimento intelectual que surgiu no século XVIII, na Europa, que defendia o uso da razão (luz) contra Antigo Regime (trevas), o absolutismo. A partir daí, muitos seminários e universidades de Teologia têm tido como protagonistas desse tipo de interpretação teológica que, a través do materialismo moderno, buscam apresentar uma fé racionalizada.

De acordo com a fundamentação teórica desta pesquisa, é possível elevar a fé cristã e asseverar a convicção de que o *Logos* relatado no prólogo de João é Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós. A rejeição da fé ortodoxa por meio da interpretação errônea das Escrituras é submeter-se ao caminho do ceticismo. A Bíblia é o elemento-chave na fundamentação da fé cristã. Ela contém o relato da revelação de Deus ao homem, que não pode ser encontrado em nenhum outro lugar. Portanto, a intenção desta pesquisa foi mostrar a importância do estudo da interpretação bíblica histórico-gramatical para a compreensão de textos bíblicos, nesse caso, o Prólogo de João. Contudo, o estudo da interpretação bíblica não deve ser um fim em si mesmo, pois o objetivo último de quem estuda a Bíblia é aplicar o entendimento exegético do texto no dia a dia do mundo atual.

REFERÊNCIAS

- BALZ, H. R.; SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1990. p. 359.
- BEASLEY-MURAY, G. R. John. *In*: MARTIN, R. P. **Word Biblical Commentary**. 2. ed. Dallas: Word Incorporated, 2002. v. 36.
- BEUTLER, Johnnes. **Evangelho segundo João**: comentário. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BROWN, Raymond E. **A Comunidade do Discípulo Amado**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BROWN, Raymond B. The prologue of the gospel of John. **Review & Expositor**, v. 62, n. 4, p. 429-439, 1965.
- CALLE, Francisco de La. **A Teologia do Quarto Evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CARSON, D. A.; MOO, J. D.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loueiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARSON, D.A. **O Comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CEGALA, Domingos Paschoal. **Minigramática da Língua Portuguesa**. São Paulo. Nacional, 1990.
- CHOLIN, M. Le Prologue de L'évangile Selon Jean. Structure et Formation. Partie II. **Science et Esprit**, v. 41, n. 3, p. 343-362, 1989.
- CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.
- D'ALMEIDA, B. **Unidade Segundo o Quarto Evangelho**: testemunho do discípulo amado no contexto judaico e greco-romano. Roma: PUG, 2009.
- DORNELLES, Vanderlei (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**.

Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 5

DROYSEN, J. G. **Geschichte des hellenismus**. Darmstadt: Primus, 1998. Ed. Original, 1943.

EVELETH, Lois. Clement of Alexandria the Logos. **Ameriacan Theological Inquiri**, v. 6, n. 2, 2013.

GUTHRIE, W. K. C. **A History Of Greek Philosophy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1962. v. 1.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **O Evangelho de São João**. Análise linguística e comentário exegético. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MONLOUBOU, L. *et. al.* **Os Salmos e outros escritos**. São Paulo: Paulus, 1996.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, 2003.

RIBEIRO, Rafael S. **Métodos de Exegese e Hermenêutica Bíblica**. 2010. 8 f. Monografia (Graduação em Teologia) – Faculdade de Teologia de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RISSI, M. John 1:1-18 (The Eternal Word). **Interpretation**, v. 31, n. 4, 1977.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Commentario Teologico del Nuovo Testamento**. II vangelo di Giovanni, Paideia, Brescia, 1977.

SMALLEY, S. S. 1,2,3, John. *In*: MATHIN, R. P. **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 1984. v. 51. p. 5.

WILLIAMS, Dereck. **Dicionário Bíblico Nova Vida**. São Paulo: Nova Vida, 2000.

XAVIER, Luiz Felipe. **Apostila de Exegese do Novo Testamento**. Material didático, não publicado, utilizado no curso de Teologia do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Versão 2010.